



UC/FPCE 2017

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação
nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital
Familiar**

Carmen Helena Ferreira da Silva (carmen.helenafds@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde –
Psicoterapia Sistémica e Terapia Familiar sob a orientação da
Professora Doutora Ana Paula Relvas e Professora Doutora Luciana
Sotero

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

As TIC são um fenómeno de crescente interesse devido ao impacto que têm nas famílias. A literatura está repleta de estudos que focam as alterações e os efeitos que estas têm na família, contudo não há dados acerca da forma como estes se relacionam com os Rituais Familiares. O presente estudo pretende contribuir para a compreensão das relações entre a influência da utilização das TIC e a perceção individual do investimento da família nos Rituais Familiares, tendo como moderadoras as etapas do Ciclo Vital Familiar. Para tal, foi administrado a 272 sujeitos um protocolo que avalia a utilização das TIC e a perceção dos sujeitos acerca do impacto das mesmas na família e os Rituais Familiares. Uma análise de regressão com moderação revelou que as TIC não preveem significativamente a perceção que os indivíduos têm dos seus Rituais Familiares, e as etapas do Ciclo Vital Familiar não moderam esta relação. Contudo, através de correlações, verificou-se que há relações significativas e diferenciadas entre as TIC e os Rituais Familiares, em cada uma das Etapas do Ciclo Vital. Entre elas regista-se uma perceção positiva das TIC quando há maior investimento nos Rituais Familiares na etapa Casal sem Filhos. Um maior investimento nos Rituais Familiares na etapa Família com Filhos Pequenos e na Escola está associado a uma melhor perceção do impacto das TIC na família e uma perceção mais negativa do impacto das TIC nas Famílias com Filhos Adolescentes é acompanhada por um maior investimento nos Rituais Familiares. A etapa Família com Filhos Adultos não revelou resultados significativos em nenhuma análise. Este estudo alerta para a necessidade de mais estudos nesta área, que incluam amostras maiores e outras variáveis de forma a complementar os resultados.

Palavras chave: TIC, Rituais Familiares, Ciclo Vital Familiar

The Role of Information and Communication Technology in Family Rituals in the different stages of Family Life Cycle

ICTs are a phenomenon of growing interest due to the impact they have on families. Studies about the alterations and effects that ICTs have on families are vast, but there are no studies that acknowledge the way technology relates to Family Rituals. The current thesis intends to understand the relation between the influence of use of ICTs and individuals' perceptions of families' investment in family rituals, having the stages of family life cycle as moderators in this relation. For this purpose, 272 protocols were administered in order to assess the use of ICTs in families and the individual perception of investment in Family Rituals. A regression with moderation was performed, which proved that there is no statistically significant relation between ICTs and Family Rituals. It was also concluded that the four stages of family life cycle do not moderate this relation. However, through correlation analysis, it was verified that there are significant and differentiated relations between ICTs and Family Rituals in most of the family life cycle stages. Among them, it was verified that there is a positive perception of ICTs when there is greater investment in Family Rituals in the Couple without Children stage. Increased investment in Family Rituals in Families with Small Children and in School stage is associated with a better perception of the impact of ICTs on the family and a more negative perception of the impact of ICTs in Families with Adolescents is accompanied by a greater investment in Family Rituals. The Family with Adult Children stage did not reveal significant results in any analysis. This study alerts to the need for further studies in this area, including bigger samples and other variables in order to complement the results.

Key Words: ICT, Family Rituals, Family Life Cycle

Agradecimentos

À Mestra Joana Carvalho, obrigada por tudo. Acreditou sempre em mim, e naquilo que era capaz de fazer, amparando sempre as minhas quedas com o seu otimismo e perseverança.

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, por ter partilhado o seu conhecimento comigo, e pelo privilégio de ter aprendido com uma das mais ilustres figuras da sistémica.

À Professora Luciana e à Professora Madalena, por tudo o que me ensinaram com carinho, paciência e dedicação, posso afirmar que aprendi com quem ama o que faz e não há melhor exemplo que esse.

À Francisca, à Inês e à Marta, por todos os desabafos, por todos os momentos de descontração, por terem caminhado comigo nestes últimos dois anos e por nunca me terem abandonado em momento algum; são a minha família de Coimbra e nunca vos esquecerei.

Ao Pedro, por me mostrar o que é amar em momentos bons, e em momentos não tão bons. Obrigada pela tua paciência inesgotável.

Ao meu irmão Samuel, que é a prova viva de que os nossos sonhos se concretizam com força de vontade, vocação e amor à profissão.

Aos meus avós, que nunca me poupam em elogios e são eternamente pacientes.

Aos meus pais, Amândio e Isabel, que me proporcionaram esta incrível aventura de cinco anos, preparando-me para enfrentar todos os meus desafios com vontade de trabalhar, responsabilidade, honestidade e humildade.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	2
1.1 Definição e Evolução das TIC.....	2
1.2 A influência das TIC na família	4
1.3 Ciclo Vital Familiar	6
1.4 Utilização das TIC por Etapa do Ciclo Vital.....	8
1.5 Rituais e Rotinas Familiares	10
1.6 Rituais Familiares e a sua Influência na Família	12
II. Objectivos	13
III. Metodologia	14
3.1 Procedimentos de Recolha de Amostra	14
3.1.1 Descrição da Amostra.....	15
3.2 Instrumentos	17
3.2.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares	17
3.2.2 <i>Emerging Technologies & Families Survey</i> (SEFT; Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014).....	18
3.2.3 <i>Family Rituals Questionnaire</i> (FRQ; Fiese & Kline, 1993; Crespo & Lind, 2004).....	19
IV. Resultados	20
4.1 Análises Preliminares	20
4.2 Análise Descritiva	20
4.3 Correlações	21
4.4 Regressões Lineares	22
4.5 Regressão Linear com Moderação	24
4.6 Análise de Variâncias	25
V. Discussão	25
VI. Conclusões	29
Bibliografia	31

Introdução

Com o passar dos anos, tem-se percebido que qualquer introdução ou atualização nas Tecnologias da Informação e da Comunicação é acompanhada por discussões acerca das implicações negativas e positivas que elas trazem (Wilding, 2006; Blynn-Plike, 2009), e a evolução destas tem sido rápida e constante (Huisman, Edwards & Cataplano, 2009). Apesar de a literatura não ser consensual quanto ao papel que as TIC têm na vida das pessoas, sabe-se que este depende de múltiplos fatores, entre eles, o Ciclo Vital Familiar, que consiste na “sequência previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas bem definidas” (Relvas, 1996).

As inovações tecnológicas entram na vida familiar como uma influência externa, que leva a alterações nos papéis familiares específicos, papéis esses que vão acompanhando as etapas do Ciclo Vital Familiar e as suas transições (Watt & White, 1999).

De igual forma, os Rituais Familiares estão intimamente ligados à família, pois é através deles que se podem compreender os processos familiares como um todo, envolvendo todos os membros, e permitindo uma avaliação dos significados atribuídos às atividades de grupo (Fiese, Tomcho, Douglas, Josephs, Poltrock & Baker, 2002). Estes rituais beneficiam a família nas suas diversas etapas (Santos, Crespo, Silva & Canavarro, 2012), e mesmo em situações disruptivas ou de transição (Imber-Black, 1999), pois fomentam a estabilidade familiar (Haughland, 2005).

Dado à relação próxima que estes conceitos têm com a família e todos os subsistemas que lhe estão ligados, torna-se pertinente questionar de que forma é que as TIC interferem com os Rituais Familiares em cada etapa do Ciclo Vital Familiar e como é que estas têm moldado a noção de família.

A presente dissertação está organizada em diferentes partes, sendo que a primeira é constituída pelo enquadramento teórico, a segunda pelos objetivos orientadores da investigação, a terceira pela metodologia, que inclui os procedimentos de recolha de amostra, os instrumentos usados e as análises estatísticas escolhidas. A quarta parte contempla a discussão, onde se conjuga o enquadramento teórico com os resultados obtidos nas estatísticas realizadas.

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

I. Enquadramento conceptual

1.1 Definição e Evolução das TIC

No início da década de 90, a carta ainda se constituía como um meio de comunicação comum, pela conveniência e acessibilidade à maioria da população mundial (Wilding, 2006). O telefone, nesta altura, era menos utilizado, para além de que lhe estavam associados custos adicionais superiores aos do envio de uma carta. Nesse mesmo estudo, é registada uma alteração no padrão de comunicação a partir da segunda metade da década de 90: os custos das chamadas internacionais baixaram, o serviço foi percebido como mais eficaz e confiável, levando a que vários membros da mesma família alargada passassem a possuir um telefone fixo com o passar dos anos. Outras formas de comunicar foram surgindo, e curiosamente nenhuma foi extinguindo por completo a outra, apesar de se verificar uma banalização de algumas TIC ao ponto de, a título de exemplo, os preços para chamadas internacionais se assemelharem aos de chamadas nacionais (Bacigalupe & Lambe, 2011).

As TIC, são definidas globalmente por Rudi, Dworkin, Walker, & Doty (2014) como dispositivos tecnológicos usados pela população, tais como computadores ou tablets, *smartphones*, *webcams*, e os softwares e aplicações que neles são usados, e têm evidenciado uma constante e rápida atualização com o passar do tempo (Huisman, Edwards, & Catapano, 2012; Coyne, Padilla-Walker, & Howard, 2013), tanto no que diz respeito a *hardware* – computadores, *smartphones*, consola de jogos - como *software* – *e-mail*, videoconferência, redes sociais, sendo que todas estas plataformas são altamente adaptáveis ao utilizador (Bacigalupe & Lambe, 2011; Carvalho, Francisco, & Relvas, 2015). A inovação tecnológica passou a ter em conta outras variáveis para além da produção propriamente dita de TIC: o simbolismo, a atratividade, o tipo de material utilizado e a funcionalidade, que são elementos importantes num dispositivo, *site* ou plataforma (Silverstone & Haddon, 1996), ainda que estes estejam cada vez mais semelhantes na forma como funcionam (Stafford & Hillyer, 2012). Estes acabam por estar integrados uns nos outros, tendo por exemplo o telemóvel que está cada vez mais parecido ao computador (Stafford & Hillyer, 2012).

O número de formas com que uma pessoa pode comunicar aumentou exponencialmente através da proliferação das tecnologias (Stern & Messer, 2009), por exemplo, as TIC incluem um software social, onde se encontram várias plataformas como o *Facebook*, *Twitter*, *LinkedIn*, *Youtube* ou *Skype* (Bacigalupe & Lambe, 2011).

Na literatura é possível encontrar modelos explicativos da adoção de TIC na família e nos indivíduos que nela estão inseridos, tal como os efeitos da sua adoção: a Teoria da Domesticação (*Domestication Theory*) de Silverstone e Hirsch (1992) propõe que as TIC são introduzidas na vida dos indivíduos e que a sua utilização varia em função dos diferentes significados que estas adquirem.

O Modelo Sóciotecnológico (*Sociotechnological Model*), elaborado por Lanigan (2009), reconhece os efeitos da multifuncionalidade das TIC nas famílias e também da influência de fatores familiares, fatores extrafamiliares e características individuais na forma como as TIC são adotadas na família. Assim, o modelo é constituído por três componentes que se sobrepõem dentro do contexto familiar: as características das tecnologias, os traços individuais e os fatores familiares (cf., Figura 1). Englobando estes três fatores estão as influências extrafamiliares, como por exemplo, o local de trabalho dos membros familiares ou a integração comunitária das TIC no local de residência, e que influenciam os três componentes deste modelo, amplificando ou diminuindo os efeitos das TIC na família e nos elementos que a compõem.

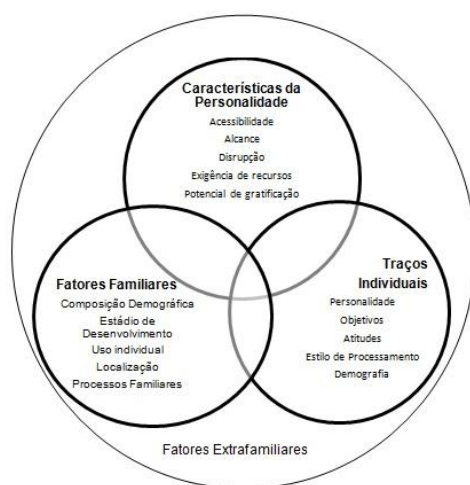


Figura 1

Modelo Sóciotecnológico de Lanigan (2009)

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

1.2 A influência das TIC na família

A História tem mostrado que qualquer introdução e atualização relativa às tecnologias tende a ser acompanhada por discussões acerca das implicações positivas e negativas que elas trazem (Blynn-Pike, 2009; Wilding, 2006). Contudo, a literatura não é consensual quanto ao papel que as TIC têm na vida das famílias (Blynn-Pike, 2009; Huisman et al., 2012) e embora se receie que os avanços tecnológicos interfiram de forma negativa nas relações interpessoais próximas, muitas das preocupações que acompanham as TIC não são particularmente novas: a tecnologia não criou parceiros adúlteros, *bullies*, *stalkers*, problemas relacionados com o controlo e monitorização das crianças e jovens com as TIC, gestão do trabalho e vida familiar, entre outros (Stafford & Hillyer, 2012).

Há autores que defendem que o uso do *e-mail* contribui para a coesão familiar, pois está associado à perceção de uma melhoria na qualidade das relações (Chesley & Fox, 2012), e que a presença da internet em casa tem um impacto positivo no desenvolvimento cognitivo e capacidades de comunicação das crianças (Huisman et al., 2012). Em estudos realizados com famílias transnacionais, o uso das TIC revelou ser uma mais-valia para que se pudesse manter o contacto com os familiares residentes em outros países (Bacigalupe & Lambe, 2011; Wilding, 2006). Outros estudos concluíram que o uso do telemóvel entre pais-filhos está significativamente associado a níveis mais altos de coesão familiar, e o mesmo se verifica com atividades como ver televisão em família ou jogar videojogos com um elemento familiar (Padilla-Walker, Coyne, & Fraser, 2012; Kennedy & Wellman, 2007; Wajcman, Bittman, & Brown, 2008).

Outros autores, defendem que as TIC têm um impacto mais negativo nos indivíduos e famílias: as crianças com um uso semanal das TIC superior a oito horas, brincam menos de forma ativa (Huisman et al, 2012; Johnson, 2010), o que pode levar a que as crianças tenham sentimentos de solidão e depressão após uso abusivo (Subrahmanyam, Kraut, Greenfield, & Gross, 2000), e assim contribuir para uma maior obesidade infantil (Huisman et al., 2012). Também o tempo familiar e social pode ser reduzido com o uso das

TIC (Nie & Hylligus, 2002; Pierce, 2009), devido à propagação do horário de trabalho para os momentos familiares (Chesley, 2005).

Também a adição à internet por parte de jovens adolescentes é uma preocupação nodal das famílias, o que foi consolidado num estudo em que 13.6% da amostra revela problemas relacionados com a tecnologia (Muñoz-Miralles et al., 2016). Para além das questões relacionadas com o desenvolvimento individual do adolescente, também há repercussões a nível familiar uma vez que a utilização da internet por parte dos adolescentes está associada a conflitos familiares intergeracionais (Mesch, 2006a).

Apesar dos *media*, serem utilizados como forma de manutenção da relação romântica do casal, pois mantém o contacto constante e próximo, também podem constituir uma fonte de conflito, na medida em que a acessibilidade e facilidade no contacto com o outro levam a que o sujeito esteja mais confortável nas suas ações online, o que pode conduzir a situações de infidelidade online (Coyne, Padilla-Walker, Stockdale, & Day, 2011; Coyne, Busby, Bushman, Gentile, Ridge, & Stockdale, 2012). Num estudo realizado por Whitty (2003) sobre infidelidade *online* e *offline*, foi estabelecido um paralelo entre dois tipos de traição: a emocional e a sexual. Os participantes, maioritariamente do sexo feminino, identificam a traição emocional *online* como tão grave como a traição sexual online. Inversamente às mulheres, os elementos do sexo masculino identificam a traição sexual *online* como mais grave que a emocional. Contudo, é consensual que os atos, tanto sexuais como a envolvimento emocional *online*, são classificados como sendo tão severos como os atos reais. Estes dados levam-nos a concluir que a noção de que as ações que ocorrem num espaço virtual têm impacto na vida de um indivíduo (Whitty, 2003).

De uma forma geral, a utilização de tecnologias promove uma maior conexão familiar, pois possibilita a conexão contínua e constante entre os seus membros, mesmo estando em contextos diferentes como o trabalho, escola ou casa (Williams & Merten, 2011). Assim, de acordo com a presente revisão de literatura, a influência das TIC no quotidiano das famílias e seus elementos não parece ser consensual, pois parece estar dependente de múltiplos fatores, entre os quais, o Ciclo Vital Familiar (Relvas, 1996).

1.3 Ciclo Vital Familiar

Numa perspectiva sistêmica, a família é comumente encarada como um sistema, um todo, uma globalidade que só dum ponto de vista holístico pode ser corretamente compreendida (Relvas, 1996). O Ciclo Vital Familiar é uma sequência previsível de etapas que acompanha o desenvolvimento familiar, e através das quais a família nuclear supera tarefas específicas a cada etapa (Duvall, 1988; Carter & McGoldrick, 1989; Rowland, 1991; Watt & White, 1999). Estas tarefas surgem devido às necessidades e exigências das famílias e, se cumpridas, pressupõem não só uma transição para a próxima etapa, como também a promoção de um desenvolvimento positivo dos membros da família (Carter & McGoldrick, 1989; Duvall, 1988). Embora estas categorias sejam criadas para que melhor se possam compreender as famílias numa determinada fase do seu desenvolvimento em que as suas atitudes são homogêneas, não são abrangentes o suficiente para abordar toda a variabilidade entre as famílias, por exemplo, um caso em que a família é poligâmica (Derrick & Leffeld, 1980). São os fatores económicos, culturais, históricos, físicos, estruturais e situacionais que contribuem para esta variabilidade familiar (Chilman, 1968).

Na literatura é possível encontrar algum desacordo quanto à definição do número e tipo de etapas do Ciclo Vital Familiar, o que leva a que não haja uma categorização uniforme e consensual (Chilman, 1968; Derrick & Leffeld, 1980). Por exemplo, Watt & White (1999) sugerem as seguintes etapas: seleção do cônjuge, casamento, famílias com filhos em idade pré-escolar, famílias com filhos no ensino básico, família com filhos adolescentes, famílias pós-parentalidade e famílias reformadas. Relvas (1996) propõe a sua categorização em cinco etapas: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos (*empty-nest*), que, para a presente dissertação, será a classificação utilizada.

Segundo Relvas (1996), a etapa da formação do casal, é a etapa em que surge o nascimento da família, pois envolve o “aparecimento de um novo sistema, com normas e padrões transacionais próprios e específicos, que em tudo correspondem a uma nova emergência”. Portanto, envolve um comprometimento de duas pessoas, num relacionamento que pretendem que

seja duradouro (McGoldrick & Carter, 1999). Um dos traços mais específicos desta etapa, é a própria dificuldade em defini-la, pois os relacionamentos conjugais têm particularidades muito próprias e distintas de outros casais (Relvas, 1996). Podem, assim, assumir múltiplas formas, ainda que um dos principais desafios da etapa é que o casal assuma uma “definição comum de realidade” (Relvas, 1996). Outra tarefa própria da etapa passa pela redefinição dos limites: em relação ao próprio e à sua individualidade, e em relação aos outros subsistemas, como as famílias de origem: quando o casal se forma, cada elemento traz consigo para a relação um conjunto de ideologias, valores e expectativas que são adquiridas segundo os modelos de conjugalidade adquirem previamente. Muitos conflitos entre o casal podem surgir a partir desta definição de fronteiras, que é nodal na proteção do casal em relação à própria satisfação na relação. A comunicação tem um papel fulcral nesta etapa em particular, pois “quanto mais próxima e significativa é a relação entre as pessoas, maior é a repercussão dos efeitos da pragmática da comunicação” (Relvas, 1996). Assim, a formação do casal é uma etapa que nunca cessa, pois há uma constante redescoberta do casal.

A etapa da família com filhos pequenos inicia-se com o nascimento do primeiro filho, e por isso mesmo, um dos desafios mais comuns é a transição do foco na conjugalidade para a parentalidade. O nascimento de um filho implica uma reorganização familiar nos papéis familiares, devido ao aumento do número de relações e tarefas, o que significa que a partir do momento em que uma criança nasce, surge uma complexificação estrutural e relacional. Esta etapa tem a particularidade de iniciar uma maior abertura do sistema ao exterior, mais concretamente às famílias de origem e à comunidade (Carter & McGoldrick, 1999). Adicionalmente, a aceitação dos filhos no sistema e pelo sistema, implica a criação de um espaço para os eles e a assunção dos papéis parentais por parte dos progenitores.

A etapa que se sucede é família com filhos na escola, que se caracteriza como um momento de especial abertura do sistema familiar ao mundo extrafamiliar, e principalmente à escola. É o primeiro grande teste à capacidade familiar relativa ao cumprimento da função externa e ao grau de individuação da criança (Relvas, 1996). Através da performance da criança na escola e das suas competências para conviver com os pares, a imagem da família é posta à prova. A família terá que alterar as suas normas

transacionais, reorganizando os seus horários e tarefas parentais e mesmo os espaços físicos do lar. Porém, a escola é um sistema muito distinto do sistema familiar, e nesta fase as famílias devem admitir e aceitar os *timings* que ela impõe como adequados para a aprendizagem da criança e a própria avaliação que a escola faz do sucesso ou insucesso da criança (Relvas, 1996).

Segundo Alarcão (2000), a etapa mais longa e problemática do ciclo vital é a família com filhos adolescentes, pois implica a homeostasia entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro. Para uma boa gestão da relação pais filhos, é importante que os pais mantenham claro que o sistema executivo é o sistema parental, e que a relação entre o sistema filial e o sistema parental é vertical, sendo que os pais têm uma posição *one-up*, e os filhos uma posição *one-down*. Contudo, esta clarificação deve considerar a negociação e a flexibilidade das regras familiares (Alarcão, 2000; Carter & McGoldrick, 1999). Nesta etapa há uma necessidade de separação e a autonomia, tanto por parte dos pais como por parte dos filhos, que se constitui também como tarefa básica. É nesta etapa que podem ser iniciados os cuidados à geração anterior, mais velha (Carter & McGoldrick, 1999).

Na categorização proposta por Relvas (1996), as famílias com filhos adultos constituem a quinta e última etapa do ciclo vital da família. A presente etapa é caracterizada por múltiplas saídas e entradas, novas relações e novos papéis (Relvas, 1996), como por exemplo, a saída dos filhos adultos de casa. Este movimento pode alterar a dinâmica familiar, assinalada pelo envelhecimento do casal e também pela abertura do sistema a novas gerações: os netos (Relvas, 1996; Carter & McGoldrick, 1999; Alarcão, 2000). É neste momento que há a possibilidade de coexistência de três e até mesmo quatro gerações da mesma família, criando uma complexidade intergeracional, em que cada elemento se encontra na sua fase do ciclo vital (Alarcão, 2000).

1.4 Utilização das TIC por Etapa do Ciclo Vital

As inovações tecnológicas entram na vida familiar como uma influência externa, que leva a alterações nos papéis familiares específicos,

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

papéis estes que vão acompanhando as etapas do Ciclo Vital Familiar e as suas transições (Watt & White, 1999).

Em investigações conduzidas por diferentes autores, pode-se concluir que, em suma, as TIC podem ser usadas para suporte académico ou trabalhos de casa (Kerawalla & Crook, 2002), para jogar ou para propósitos hedónicos (Livingstone e Bovill, 1999), para comunicar com os outros (Coyne et al., 2011) e para fins profissionais e de trabalho (Chesley, 2005). Contudo, a utilização das TIC também varia com a idade do utilizador: durante o período de seleção do cônjuge, as TIC têm especial importância devido à forte ligação que alguns indivíduos podem estabelecer, mesmo sem nunca se terem visto ou de forma anónima (Watt & White, 1999). Mais concretamente, na conjugalidade, a maioria dos casais reporta usar os *media* de forma conjunta (Coyne et al., 2012). Os adultos têm uma utilização das TIC mais diversificada, tanto para fins pessoais, como profissionais, mas sobretudo para manterem contacto com as suas redes primárias (amigos e família), principalmente se esta residir noutra cidade ou país (Huisman et al., 2012; Bacigalupe & Lambe, 2011). Algumas famílias utilizam o computador e a internet como forma de organizar a vida familiar, controlar contas bancárias, e outras tarefas de gestão doméstica (Watt & White, 1999).

Wartella, Richert and Robb (2010) referem no seu estudo que crianças pequenas usam mais frequentemente a televisão, nomeadamente programas educativos e que estimulem a aprendizagem de forma dinâmica e atrativa, com o intuito de captar a atenção da criança. Huisman et al. (2012) referem que as crianças na escola e os adolescentes usam mais frequentemente as redes sociais, o que acaba por constituir um novo desafio aos pais, devido à existência de uma nova problemática que diz respeito às permissões ou restrições ao acesso a determinados conteúdos. Associado a esta faixa etária, Mesch (2006b) refere o *cyberbullying* como uma grande problemática do momento.

Para o adolescente em concreto, o computador é uma ferramenta indispensável para a escola, e para aumentar a *performance* académica (Watt & White, 1999). Para além disso, os computadores permitem que os adolescentes interajam uns com os outros, e com outras pessoas em qualquer parte do globo (White & Watt, 1999). A nível familiar, o e-mail e o telemóvel são utilizados mais frequentemente para comunicar com a família

alargada e manter relações mais distantes, e a comunicação cara a cara e o telefone fixo são utilizados mais frequentemente de forma local, e para comunicar com pessoas e membros familiares mais próximos (Stern & Messer, 2009; Goodman-Deane et al., 2016).

Na etapa casal com filhos adultos, as formas de comunicação mais modernas auxiliam pais e filhos a manterem contacto de uma forma económica e regular (Ramsey, Gentzler, Morey, Oberhauser, & Westerman, 2013; Watt & White, 1999). Também em população idosa (com mais de 65 anos) verifica-se uma melhor qualidade de vida em diversas áreas como a saúde física, a participação social e a saúde mental quando os indivíduos utilizam as TIC (Siegel & Dorner, 2017).

1.5 Rituais e Rotinas Familiares

As Rotinas e os Rituais Familiares são um tema pertinente na investigação, porque através destes é possível entender os processos familiares como um todo ao envolver todos os membros, e permitir uma avaliação dos significados atribuídos às atividades tidas em grupo (Fiese et al., 2002). Estes mesmos autores referem que os rituais e as rotinas estão inseridos no contexto cultural e ecológico da família, onde a interseção entre os fatores individuais e familiares permite compreender de que forma é que a vida familiar pode afetar a adaptação e o ajustamento da família, bem como é que os indivíduos – as suas perspetivas e características – podem afetar o funcionamento familiar.

As Rotinas e os Rituais Familiares podem ser caracterizados a partir de três conceitos: a comunicação, o compromisso e a continuidade (Fiese, 2007). As rotinas familiares envolvem comunicação instrumental e linguagem direta, implicando alguma forma de ação e designação de papéis: há um compromisso momentâneo à rotina que pode ser medido com uma unidade de temporal, apesar de se repetirem ao longo do tempo, alterando-se minimamente com o passar deste (Fiese, 2007; Buchbinder, Longhofer & McCue, 2009; Migliorini, Rania, Tassara, & Cardinali, 2016). Já os Rituais Familiares são altamente simbólicos e a comunicação que lhes está implícita envolve o conteúdo, mas também os significados que dizem respeito apenas à família, que assume um compromisso afetivo e emocional (Wolin &

Bennett, 1984; Fiese, 2007; Migliorini, Rania, Tassara, & Cardinali, 2016).

É nas atividades familiares que as rotinas e os rituais se distinguem de forma clara, por exemplo, é possível que numa festa de aniversário de uma criança o pai fique responsável por comprar o presente ao filho e a mãe fica responsável por organizar a festa – estes aspetos instrumentais estão relacionados com a rotina. Mas este evento também se constitui como um ritual, pois os elementos da família têm fortes sentimentos para com a transição que o aniversário representa e atribuem-lhe um significado especial (Crespo et al., 2008).

Wolin e Bennett (1984) identificam três grupos de rituais, categorizados conforme as suas características: as celebrações familiares, as tradições familiares e os padrões de interação familiar. Os primeiros são constituídos por celebrações anuais gerais, como o Natal ou o Ano Novo, aniversários, ou casamentos, batizados ou funerais e por isso são específicos da família e associados ao Ciclo Vital Familiar. As tradições familiares são atividades que se repetem com intervalos de tempo regulares e são específicos da família, visto que cada uma destas tradições traz consigo um significado único para a família. Os padrões de interação familiar são interações consideradas rotineiras, como refeições diárias, ou ver televisão em família. Embora para algumas famílias as rotinas não sejam tão denotadas, para outras tornam-se rituais, pelo significado que lhes está associado.

Apesar de na literatura se distinguirem rituais de rotinas, também se admite que é difícil definir estes dois conceitos de forma concreta, pois todos os indivíduos têm a sua definição do que constitui um ritual e uma rotina para uma família, porque são um aspeto personalizado e individual em cada família e que confere significado às atividades de grupo, com uma componente afetiva muito forte (Fiese et al., 2012). Para além disso, as rotinas e os rituais podem variar consideravelmente consoante a etnia e cultura de dada família, e mesmo dentro de cada um destes grupos há variabilidade, pois o que é considerado como simbólico numa família, pode não ser visto da mesma forma noutra família (Yoon, 2012).

1.6 Rituais Familiares e a sua Influência na Família

Se pensarmos nas famílias como sistemas sociais com uma identidade coletiva, essa identidade é o resultado de memórias criadas em conjunto, à medida que as famílias passam tempo juntas em refeições, jogos, ou a conversar (Daly, 1996 cit. in Mesch, 2006b). O tempo é o pano de fundo das transformações que ocorrem ao longo da vida da família (Crespo, 2007) e a tecnologia tem sido uma das principais forças responsáveis por moldar o significado do “tempo familiar” (Mesch, 2006b). Contudo, as pressões da vida moderna e as alterações socioculturais têm levado a uma abreviação ou até mesmo extinção dos Rituais Familiares (Costa, 2013; Crespo, 2007).

Os Rituais Familiares têm sido uma área de progressivo interesse por parte de psicólogos sociais e clínicos (Crespo, Davide, Costa, & Fletcher, 2008), que se têm debruçado na forma como estes beneficiam a família em diferentes estádios de desenvolvimento (Santos et al., 2012): são importantes para o crescimento e bem-estar das crianças (Yoon, Newkirk, & Perry-Jenkins, 2015), traduzem-se em resultados académicos positivos (Fiese et al., 2002) e estão correlacionados com competências adaptativas e ausência de sintomatologia comportamental (Yoon et al., 2015). Mesmo em situações disruptivas da vida familiar, que podem ser potenciais geradores de instabilidade na vida familiar (Haughland, 2005), como o cancro em crianças e jovens (Santos, Crespo, Canavarro, & Kazak, 2015; Santos, Crespo, Canavarro, & Kazak, 2016), asma (Santos et al., 2012), paralisia cerebral (Regateiro, 2015), progenitores alcoólicos (Haughland, 2005) ou doença mental (Malaquias, Crespo, & Francisco, 2014), as rotinas e os Rituais Familiares – se presentes na família – contribuem para uma melhor qualidade de vida dos seus membros. Os rituais mantêm uma interação significativa e o contacto entre os elementos familiares que neles participam (Fiese et al., 2006), fomentam sentimentos de solidariedade entre os membros da família (Campbell & Ponzetti, 2007), contribuindo para que estes sintam que estão intimamente ligados (Roos & Van Rensburg, 2008). Dão às famílias uma identidade que lhes é própria e única, tal como a identidade individual dentro do contexto de grupo (Fiese, 2007) e têm um papel muito importante na elaboração e manutenção das memórias familiares, pela continuidade que oferece às famílias, ligando o passado ao

presente, e pensando num futuro (Smit, 2011; Migliorini et al, 2016).

São também facilitadores das transições entre etapas de desenvolvimento individual e familiar, por fornecerem à família e às crianças a estabilidade, estrutura e consistência necessária de forma a orientar o comportamento e criar um ambiente emocional afetivo que promova um saudável desenvolvimento (Spagnola & Fiese; Decaro & Worthman, 2011; Ferretti & Bub, 2014). Para além de facilitarem as transições entre etapas, os rituais têm também a função de marcarem estas transições, como por exemplo o matrimónio, que se constitui como um marco na conjugalidade e formação de uma família (Crespo et al., 2008). Há rituais transversais a várias etapas do Ciclo Vital Familiar e há rituais próprios de etapas em específico; contudo, o temperamento, a idade e as características da personalidade das crianças ditam alguns rituais específicos que são adotados pelas famílias. (Fiese, 2007). Contudo, muitos dos rituais de uma família, têm início na etapa da formação do casal, pois é o casal que escolhe e dita que rituais serão celebrados nos primeiros anos em que a família é formada (Crespo, 2012). Porque as transições de etapas de desenvolvimento familiar trazem consigo ganhos e perdas, os rituais são fundamentais na contenção da ambivalência inerente à mudança, proporcionando um ambiente estruturado aos seus elementos (Crespo, 2007).

II. Objetivos

A presente investigação visa explorar a relação entre a influência da utilização das TIC na família e a perceção individual do investimento da família nos Rituais Familiares, tendo as etapas do ciclo de vida como moderadores desta relação. Mais especificamente pretende-se:

- 2.1 Analisar a relação entre o número de problemas familiares relacionados com as TIC (CFP), o número de TIC utilizadas (NTIC), a perceção do impacto das TIC na família (FTAIS) e os Rituais Familiares (RF).
- 2.2 Perceber que variáveis relacionadas com as TIC (CFP, FTAIS, NTIC) melhor predizem os Rituais Familiares (RF) nas diferentes etapas do CVF.

2.3 Avaliar diferenças significativas nos RF em cada etapa do CVF.

2.4 Examinar o papel moderador da etapa do CVF na relação entre a utilização das TIC e os Rituais Familiares.

III. Metodologia

Com o intuito de clarificar a metodologia utilizada nesta investigação, a presente secção descreverá detalhadamente as etapas seguidas. Num primeiro momento faz-se a descrição do processo de recolha da amostra, bem como a sua caracterização. De seguida, é apresentada a descrição dos instrumentos utilizados e, finalmente, serão apresentadas as análises estatísticas realizadas.

3.1 Procedimentos de Recolha de Amostra

Este estudo integra-se num projeto de investigação mais alargado sobre a vivência das famílias portuguesas na atualidade, coordenado pela Professora Doutora Ana Paula Relvas, no qual participou uma aluna de Doutoramento e duas alunas do Mestrado Integrado em Psicologia, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, da Universidade de Coimbra. Com esse propósito, foi construído um protocolo de investigação mais vasto, que inclui instrumentos e dimensões que não serão consideradas no presente estudo.

A amostra foi recolhida através da plataforma *LimeSurvey* que consiste num *software* gratuito que permite a aplicação de questionários online através da distribuição do *link* de acesso. A recolha ocorreu entre outubro de 2016 e março de 2017, com recurso ao método de bola de neve. O critério de inclusão utilizado nesta amostra foi apenas um: indivíduos na nacionalidade portuguesa com idade superior a 12 anos.

Antes dos sujeitos iniciarem o protocolo de investigação, surge uma página onde constam os objetivos da investigação, alguns esclarecimentos relativos à confidencialidade dos dados, à voluntariedade da participação, ao consentimento informado e o pedido de um código identificativo da sua família, que permite posteriormente efetuar emparelhamento de sujeitos por família.

3.1.1 Descrição da Amostra

A amostra analisada é constituída por 249 famílias, num total de 272 sujeitos, dos quais 74.3% são do sexo feminino ($n = 202$) e 27.7% do sexo masculino ($n = 70$). A média de idades da amostra total é de 34.3 anos ($DP = 10.9$). Relativamente à escolaridade, o nível mais representado é a Licenciatura, com 34.6% dos sujeitos. Os restantes sujeitos dividem-se pelos outros níveis de escolaridade: 6º ano com 1.8%, 9º ano com 5.9 %, o 12º ano com 27.2%, o Mestrado com 25% e o Doutoramento com 2.2%. No que se refere à situação laboral, pode verificar-se que a amostra é composta maioritariamente por empregados a tempo integral (74,6%) e estudantes (40.1%). No que diz aos distritos em que os sujeitos residem, verifica-se uma grande variedade de Capitais de Distrito.

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra Total

Características Sócio-demográficas			
Variáveis	Categorias	<i>n</i>	%
Escolaridade	6º ano	5	1.8
	9ºano	16	5.9
	12ºano	74	27.2
	Licenciatura	94	34.6
	Mestrado	68	25
	Doutoramento	6	2.2
	Outro	2	0.7
	Ausente	7	2.6
NívelSócio Económico	Baixo	43	15.8
	Médio	13	50.8
	Elevado	91	33.4
Sexo	Masculino	70	25.7

	Feminino	202	74.3
Situação Laboral	Estudante	29	10.7
	Desempregado	16	5.9
	Reformado	4	1.5
	E. Tempo Parcial	19	7.0
	E. Tempo Integral	203	74.6
	Trabalhador-Estudante	1	0.4

A classificação utilizada na definição do nível socioeconómico teve por base a categorização de Simões (1994), a partir do cruzamento da informação relativa à profissão principal e ao nível de escolaridade. Tal como demonstrado na Tabela 1, existem 43 sujeitos no nível baixo (15.8%), 138 no nível socioeconómico médio (50.8%) e 91 no nível alto (33.4%).

Para a realização da presente investigação, dividiu-se a amostra nas quatro etapas do Ciclo Vital Familiar – casal sem filhos, família com filhos pequenos e na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos - segundo a classificação de Relvas (1996). Assim, a etapa casal sem filhos é constituída por 71 sujeitos (26.1%), a família com filhos pequenos e na escola por 70 sujeitos (25.7%), a família com filhos adolescentes por 48 sujeitos (17.6%) e a família com filhos adultos 83 sujeitos (30.5%).

Na Tabela 2 estão explicitados os dados sociodemográficos relativos a cada uma das etapas.

Tabela 2. Dados Sociodemográficos por Etapa do Ciclo Vital

Sexo	Grupos							
	CSF		FFPE		FFAdol		FFAdultos	
	n	%	N	%	n	%	n	%
Masculino	19	26.8	21	30	15	31.3	15	26.8
Feminino	52	73.2	49	70	33	68.8	68	73.2

Escolaridade	n	%	N	%	n	%	n	%
6º ano	1	1.4	-	-	2	4.2	2	2.4
9º ano	2	2.8	3	4.3	10	20.8	1	1.2
12º ano	15	21.1	22	31.4	12	25	25	30.1
Licenciatura	22	31	20	28.6	13	27.1	39	47.0
Mestrado	29	40.8	21	30	5	10.4	13	15.7
Doutoramento	1	1.4	1	1.4	4	8.3	-	-
Outro	-	-	-	-	2	4.2	-	-
Situação Laboral	n	%	N	%	n	%	n	%
Estudante	2	1	1	1.4	10	20.8	16	19.3
Desempregado	4	5.6	6	8.6	3	6.3	3	3.6
E. Tempo Parcial	5	7	6	8.6	1	2.1	7	8.4
E. Tempo Integral	60	84.5	57	81.4	32	66.7	54	65.1
Trabalhador Estudante	-	-	-	-	1	2.1	-	-
Reformado	-	-	-	-	1	2.1	3	3.6

Nota: As siglas utilizadas nos grupos significam Casal Sem Filhos, Família com Filhos Pequenos e na Escola, Família com Filhos Adolescentes e Família com Filhos Adultos.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares

Este questionário de autorresposta foi elaborado pela equipa de investigação, com o objetivo de identificar as características dos participantes, tanto ao nível sociodemográfico, como em termos familiares. No que se refere às informações sociodemográficas, foram recolhidas informações

personais tais como o sexo, o estado civil, a nacionalidade, o local de residência, a idade e o nível socioeconómico. No que se reporta às características familiares, o questionário permite identificar a posição do respondente no agregado familiar (pai, mãe, filho adolescente, filho jovem adulto, ou vive sozinho), qual a composição deste (número de elementos, grau de parentesco) e a etapa do ciclo vital em que se encontra a família de acordo com a classificação de Relvas (1996).

3.2.2 *Emerging Technologies & Families Survey (SEFT; Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014)*

O SEFT tem como objetivo caracterizar a utilização das TIC e a perceção dos sujeitos acerca do impacto das mesmas na família. A versão utilizada neste estudo está a ser adaptada para o contexto português por Carvalho, Francisco, Bacigalupe e Relvas (2017). O SEFT é constituído por sete questionários, sendo que os quatro primeiros são descritivos e têm como finalidade avaliar o tipo de utilização das TIC, nomeadamente: (1) conhecer o tipo de TIC usadas (e.g., *email, telemóvel, redes sociais*); (2) definir o tempo de utilização (e.g., *1 vez por semana, até 3 horas por dia, mais de 12 horas por dia*); (3) determinar a finalidade de utilização (e.g., *profissional, entretenimento*) e (4) definir o contexto de utilização (e.g., *trabalho, casa, em mobilidade*). O quinto questionário (5) *Family Technology Adoption Scale (FTAIS)* pretende avaliar a perceção do impacto das TIC na família e é composta por dez itens que são avaliados numa escala de *Likert* (1 = *Concordo Muito* a 5 = *Discordo Muito*). Cinco dos itens são relativos ao impacto positivo (e.g., *As TIC promovem uma boa comunicação na família*) e os outros cinco são relativos ao impacto negativo (e.g., *As TIC interferem com as regras familiares*). Após conversão dos itens negativos, valores mais elevados indicam uma perceção mais negativa quanto ao impacto das TIC na família (Bacigalupe et al., 2014). Na atual adaptação, (Carvalho et al., 2017) foi encontrada uma consistência interna razoável ($\alpha = .72$). O sexto questionário integrado no SEFT é o (6) *Clinical Family Problems (CFP)*, o qual é constituído por 11 itens em que é pedido aos sujeitos que identifiquem as situações com as quais se depararam ao utilizar as TIC, respondendo de um modo dicotómico (*Sim* ou *Não*). Três dos itens do CFP são relativos a

aspectos positivos (e.g., *Utilização das TIC para contactar a família distante*) e oito itens relativos a situações negativas (e.g., *Discussões sobre o tempo de utilização das TIC*). Os valores mais elevados indicam um maior número de problemas familiares relacionados com as TIC.

Por fim, o último questionário que compõe o SEFT refere-se ao (7) *Clinical Technology Attitudes (CTA)* e avalia a utilidade e facilidade de utilização das TIC, tal como a intenção da sua utilização no futuro. Este é constituído por quatro itens com uma escala de resposta de Likert com cinco opções de resposta (1 = *Concordo Totalmente* a 5 = *Discordo Totalmente*) e apresenta uma consistência interna média baixa ($\alpha = .45$). Em termos de interpretação, valores mais elevados indicam uma melhor atitude face às tecnologias (Carvalho et al., 2017).

Relativamente à consistência interna dos questionários utilizados nesta dissertação, verificou-se que para o CFP o alfa ($\alpha = .62$) é fraco, para a FTAIS total é razoável ($\alpha = .75$), e para a FTAIS positiva e negativa, é fraco e razoável, respetivamente ($\alpha = .58$ e $\alpha = .78$).

3.2.3 *Family Rituals Questionnaire (FRQ; Fiese & Kline, 1993; Crespo & Lind, 2004)*

O Questionário de Rituais Familiares (Fiese & Kline, 1993; versão portuguesa: Crespo, Lind, Narciso, & Costa, 2004) avalia os Rituais Familiares em sete contextos: hora do jantar, fins-de-semana, férias, feriados religiosos, tradições culturais étnicas, comemorações anuais e celebrações especiais, e tendo por base oito dimensões (Ocorrência, Papéis, Rotinas, Presença/Participação, Afeto, Significado Simbólico, Continuação e Preparação/Intencionalidade). No presente estudo foram apenas usados 10 itens dos 56 do instrumento, que se distribuem pelas subescalas hora do jantar e comemorações anuais, de acordo com as recomendações dos autores (Crespo et al., 2008). As respostas aos itens são organizadas da seguinte forma: numa primeira instância é pedido aos participantes que escolham uma afirmação com que mais identificam as suas famílias entre duas opções (por exemplo, “Algumas famílias jantam juntas regularmente” ou “Outras famílias raramente jantam juntas”) e seguidamente identificam se a frase que escolheram é “totalmente verdade” ou “mais ou menos verdade”. Este

formato possibilita a conversão para uma escala tipo Likert de 4 pontos, sendo que valores elevados refletem um maior investimento da família nos seus Rituais Familiares, e valores mais baixos um menos investimento.

Os alfas das escalas inseridas neste estudo são $\alpha = .73$ (razoável) para as Comemorações Anuais, $\alpha = .36$ (muito baixo) para a Hora de Jantar e $\alpha = .71$ (razoável) para os Rituais Familiares.

IV. Resultados

4.1 Análises Preliminares

Para o tratamento estatístico dos dados desta investigação recorreu-se à utilização do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 22.0). Numa primeira fase foram efetuadas uma série de tarefas preliminares, tais como a inversão de itens negativos da FTAIS, CFP e HJ. Procedeu-se também ao cálculo dos totais e somatórios das subescalas Número de TIC, CPF e FTAIS, bem como da Hora do Jantar, Comemorações Anuais e a soma de ambos que se denomina Rituais Familiares em Contextos Familiares, que daqui em diante apenas designado por Rituais Familiares (RF).

Foram testados, e cumpridos, os pressupostos da normalidade da distribuição das respostas (Shapiro Wilk e Kolmogorov-Smirnov) e da homogeneidade das variâncias. De seguida realizaram-se correlações entre as variáveis em estudo, com o objetivo de se perceber que variáveis relativas às TIC se relacionam significativamente com as variáveis relativas aos Rituais Familiares.

Realizaram-se Regressões Lineares com recurso à Moderação por parte das etapas do Ciclo Vital familiar, e por fim realizou-se uma análise de variâncias (ANOVA), de forma a explorar as diferenças entre as médias de cada etapa do Ciclo Vital Familiar, relativamente aos Rituais familiares.

4.2 Análise Descritiva

Efetuuou-se a análise descritiva das subescalas Hora do Jantar, Comemorações Anuais e da soma das pontuações obtidas nestas duas

subescalas – os Rituais Familiares. Realizou-se esta análise também em alguns dos questionários do SEFT, nomeadamente o FTAIS, CPF e Número de TIC Adotadas pela Família.

Concluiu-se através desta análise, que a subescala com um valor médio mais elevado de respostas foram as Comemorações Anuais ($p = 17,56$; $DP = 2.99$) e o questionário FTAIS ($p = 30.15$; $DP = 5.52$).

4.3 Correlações

Através da Tabela 3 é possível constatar que as principais correlações significativas na amostra total não se encontram entre os dois instrumentos em questão, mas sim entre as variáveis dos próprios instrumentos.

Tabela 3. Correlações entre as variáveis do estudo

Valores referentes aos Coeficientes de Correlação de Pearson (r) para a amostra total

	1	2	3	4	5	6
1 Número de TIC	1	-	-	-	-	-
2 FTAIS	-.235**	1	-	-	-	-
3 CPF	.238**	.146*	1	-	-	-
4 Hora de Jantar	-.097	-.027	-.118	1	-	-
5 Comemorações Anuais	-0.52	-.093	-.104	.223**	1	-
6 Rituais Familiares	-.088	-.109	-.130	.767**	.796**	1

*Nota. * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$*

Contudo, mais detalhadamente em cada etapa do Ciclo Vital Familiar, foi possível perceber que na etapa casal sem filhos há uma correlação significativa negativa entre os Rituais Familiares e a FTAIS ($r = -.258$, $n = 62$, $p < .043$), uma correlação significativa, negativa entre o CPF e a Hora de Jantar ($r = -.265$, $n = 64$, $p < .034$) e uma correlação significativa negativa entre a Hora de Jantar e a FTAIS ($r = -.294$, $n = 64$, $p < .018$).

Na etapa Família com Filhos Pequenos e na Escola verificou-se uma correlação forte e em sentido negativo, entre o questionário FTAIS e a subescala Comemorações Anuais ($r = -.250$, $n = 63$, $p < .048$), entre o CPF e os Rituais Familiares ($r = -.429$, $n = 63$, $p < .001$) e entre as subescalas que compõem os Rituais Familiares e o CPF (Hora de jantar: $r = -.394$, $n = 64$, $p < .001$; Comemorações Anuais: $r = -.284$, $n = 63$ $p < .024$).

Na etapa Família com Filhos Adolescentes, entre a FTAIS e as

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

Comemorações Anuais existe uma correlação significativa ($r = .532$, $n = 16$, $p < .034$) e entre os Rituais Familiares e o CPF ($r = .523$, $n = 15$, $p < .037$). Na etapa Família com Filhos Jovens Adultos não há qualquer correlação a reportar entre as subescalas do Questionário dos Rituais Familiares e os questionários do ETEF.

4.4 Regressões Lineares

Realizaram-se Regressões Lineares, com o intuito de compreender que variáveis do ETEF melhor preveem os Rituais Familiares. Concluiu-se que a única etapa do Ciclo Vital Familiar que apresenta um modelo significativo de regressão com as três variáveis preditoras ($p < .004$) é a etapa Família com Filhos Pequenos e na Escola. Contudo, a variável CFP é a única que se destaca do grupo, com uma significância de $p < .002$. Esta variável também se destaca na etapa Família com Filhos Adolescentes ($p < .025$), apesar do modelo não ser significativo ($p < .103$).

Tabela 4. Regressões Lineares

Sumário das Regressões Lineares entre as variáveis predictoras FTAIS, CFP e NTIC e a variável outcome RF

Variáveis	CSF (n = 62)			FFPE (n = 63)			FFAdol (n=16)			FFAdultos (n=69)		
	B	SE B	β	B	SE B	β	B	SE B	β	B	SE B	β
FTAIS	-.162	.092	-.219	-.081	.084	-.113	.083	.064	.223	-.027	.120	-.028
NTIC	-.458	.321	-.177	-.055	.278	-.022	-.031	.089	-.060	.081	.322	.030
CFP	-.201	.264	-.098	-.627	.197	-.378	.362	.155	.352	.219	.260	.104
R²	.103			.184			.135			.012		
F	2.498			4.887			2.189			.294		

4.5 Regressão Linear com Moderação

As Regressões Lineares foram realizadas sequencialmente com as variáveis que integram os questionários do SEFT presentes nesta investigação e o produto da interação destas com a variável moderadora, com o intuito de compreender quais destas podem melhor prever alterações nos Rituais Familiares. Assim, foram criadas três variáveis auxiliares, uma vez que as etapas do Ciclo Vital familiar é uma variável categórica, a FTAIS, o CPF e o Número de TIC Adotadas pela Família foram conjuntamente utilizados como variáveis preditoras e o significado atribuído aos Rituais Familiares como variável dependente.

O Modelo 1 é constituído pelas interações entre o CFP e cada etapa do Ciclo Vital Familiar, o Modelo 2 é constituído pelas interações entre a FTAIS e as Etapas do Ciclo Vital Familiar, e o Modelo 3 é constituído pelas interações entre o NTIC e as Etapas do Ciclo Vital Familiar. O que se concluiu foi que tanto o modelo que incluía o CFP, a FTAIS e o Número de TIC não são modelos que prevejam significativamente os Rituais Familiares: $\beta = -.104$ $r^2 = .088$, $\beta = -.055$ $r^2 = .032$ e $\beta = -.338$ $r^2 = .029$, respetivamente. Também as Etapas do Ciclo Vital Familiar não provaram moderar de forma significativa qualquer das relações acima mencionadas.

Tabela 5. Valores referentes à Regressão com Moderação

Sumário das Regressões Lineares com Moderação pelas Etapas do Ciclo Vital Familiar

Variáveis	Modelo 1 (CFP)			Modelo 2 (FTAIS)			Modelo 3 (NTIC)		
	B	SE B	β	B	SE B	β	B	SE B	β
CSF (n=62)	.775	.349	.155	-	-	-	.833	.492	.121
FFPE (n=63)	-.509	.318	.115	.204	.369	.046	-.094	.507	-.013
FFAdol (n=16)	.962	.528	.136	.952	.503	.151	-.921	.719	-.095
FFAdultos (n=69)	-	-	-	.502	.387	.107	-	-	-
CFP	.104	.158	.48	-	-	-	-	-	-
FTAIS	-	-	-	-.055	.063	-.064	-	-	-

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

NTIC	-	-	-	-	-	-	-	-.338	.202	-.123
R²		0.088				0.032				0.029
F		4.954				1.698				1.523

4.6 Análise de Variâncias

De forma a aprofundar as diferenças significativas entre as quatro etapas do CVF no que diz respeito aos Rituais Familiares, realizou-se uma análise de variâncias (ANOVA).

Tabela 7. Estatísticas Descritivas para comparação de médias

Número de Sujeitos, Média e Desvio Padrão em cada Etapa do Ciclo Vital Familiar na variável Rituais Familiares

CSF			
	<i>n</i>	M	DP
RF	62	35.23	4.366
FFPE			
	<i>n</i>	M	DP
RF	63	35.78	3.900
FFAdol			
	<i>n</i>	M	DP
RF	16	35.19	3.970
FFAdultos			
	<i>n</i>	M	DP
RF	69	33.91	5.260

Em relação à análise de variâncias realizada com os Rituais Familiares, verificou-se que não há diferenças estatisticamente significativas entre as médias das etapas do Ciclo Vital Familiar ($F(3) = 1.999$, $MSE = 40.990$, $p = 0.115$, $\eta^2 = 0.02$).

V. Discussão

A presente dissertação pretende compreender as relações entre a

O Papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Rituais Familiares em diferentes etapas do Ciclo Vital Familiar

Carmen H. F. da Silva (e-mail:carmen.helenafds@gmail.com) 2016-2017

influência da utilização das TIC e a percepção individual do investimento da família nos Rituais Familiares, tendo as etapas do ciclo vital com moderadoras desta relação. Globalmente, esta relação não se confirmou neste estudo, o que se pode dever às características da própria amostra: as famílias são predominantemente de nível socioeconómico médio-elevado, o que permite que tenham um maior número e qualidade de TIC. Segundo o modelo Sociotecnológico (Lanigan, 2009), as TIC constituem-se como um fator extrafamiliar relacionado com a sua própria integração na comunidade. Estando os Rituais Familiares inseridos no contexto cultural e ecológico da família (Fiese et al., 2002) e as TIC funcionando como elementos comuns na vida familiar contemporânea, que passaram a integrar os próprios rituais e rotinas familiares, podem as Etapas do Ciclo Vital não se evidenciarem como moderadoras desta relação.

Foi também proposto que se compreendessem as relações entre as variáveis relativas à utilização das TIC e a percepção do investimento nos RF nas quatro etapas do Ciclo Vital Familiar. Assim, percebeu-se que há relações importantes entre os conceitos estudados: na etapa Casal sem Filhos, quanto mais os indivíduos investem nos Rituais Familiares nas suas famílias, melhor é a percepção que estes têm sobre o impacto das TIC. Esta relação pode ser explicada pelas próprias características da etapa em que estas famílias se encontram: a formação do casal é descrita como uma fase de enamoramento (Relvas, 1996; Carr, 2006), em que os cônjuges apresentam uma grande satisfação conjugal (Pires, 2008) e criam os seus próprios Rituais Familiares através dos das suas famílias de origem (McGoldrick & Carter, 1999), o que corrobora a percepção e investimento nos RF. A utilização das TIC pelo casal quando é feita de forma individual, tem o intuito de manter ambos os elementos em contacto um com o outro (Coyne et al., 2011; Coyne et al., 2012), o que facilita o impacto positivo que as TIC têm na família.

Percebeu-se também que, nesta etapa, a Hora do Jantar está inversamente relacionada com a CFP e a FTAIS, ou seja, quanto maior é a percepção de investimento que os indivíduos têm dos seus rituais na hora do jantar, menos reportam ter problemas relacionados com as TIC nas suas famílias e melhor é a percepção que têm sobre elas. Nesta etapa em específico há uma clara definição de limites e fronteiras entre os subsistemas fora do

casal e entre os próprios elementos deste. Se esta definição não for evidente, pode levar a disfunções familiares, mas se for assumida de forma satisfatória, há uma vivência funcional muito mais satisfatória entre o casal (Alarcão, 2010). É possível que os momentos de Rituais Familiares e momentos de utilização das TIC estejam incluídos nesta definição e negociação de limites, o que justifica um espaço para que os Rituais e as TIC coexistam (e.g. um cônjuge joga videogames em rede e o outro comunica por SMS com os amigos). Outra hipótese justificativa para esta relação, passa pelo próprio tipo de utilização que os casais fazem das TIC: se estes usam as TIC maioritariamente para se manterem em contacto um com o outro, tal como aponta a literatura (Coyne et al., 2011; Coyne et al., 2012), e havendo um grande investimento na Hora do Jantar, a sua utilização perde a sua utilidade principal.

Da etapa de Casal sem Filhos para a etapa Família com Filhos Pequenos e na Escola, surge outra variável: as Comemorações Anuais, que incluem aniversários, Natais, Páscoas, entre outros. Associado a um aumento no investimento nas Comemorações Anuais está uma melhor perceção do impacto das tecnologias na família, e um menor número de problemas na família associados às TIC. Estas relações podem ser corroboradas através do impacto positivo que a internet tem no desenvolvimento cognitivo e capacidades de comunicação das crianças (Huisman et al., 2012) e pela utilização que ainda é controlada pelos pais (Wartella et al, 2010), o que pode também constituir-se como um fator facilitador na gestão do tempo familiar. Atualmente, é comum que se recorra às TIC para imortalizar alguns marcos no desenvolvimento das crianças, e para que possam ser partilhados com todos os elementos da família. Bacigalupe & Lambe (2011) defendem que este movimento aproxima as famílias e permite a transmissão de legados geracionais independentemente da distância geográfica a que se encontram.

Também quando é percebido um maior investimento nos Rituais Familiares nestas famílias, os problemas relacionados com as TIC diminuem. Consequentemente, quando a Hora do Jantar e as Comemorações Anuais são rituais com grande investimento, também o número de problemas relacionados com as TIC diminui. Esta relação é corroborada por estudos que provam que, para além dos Rituais Familiares serem importantes para o crescimento e bem-estar das crianças (Yoon, Newkirk, &

Perry-Jenkins, 2015), estes acabam por incluir também atividades como assistir televisão ou jogar videogames em família. Assim, cada vez mais as famílias organizam as suas vidas de forma a permitir a coexistência do tempo despendido com as TIC e do tempo passado em Rituais Familiares.

Na etapa com filhos adolescentes verifica-se que quanto maior é a percepção de investimento nos rituais das Comemorações Anuais, pior é a percepção que os indivíduos nesta etapa têm sobre o impacto das TIC na família. É normativo que os adolescentes procurem maior autonomia e individuação face às suas famílias (Relvas, 1996). Contudo, e na perspetiva da família, as TIC podem ser vistas como uma ameaça, tanto à identidade e estabilidade que os Rituais Familiares conferem às famílias (Fiese, 2007; Spagnola & Fiese 2007; Decaro & Worthman, 2011; Ferretti & Bub, 2014), como ao tempo familiar, que pode ser reduzido com o uso de TIC (Nie & Hillygus, 2002, Pierce, 2009). É importante frisar que o conflito entre adolescentes e progenitores, com ou sem TIC, seria expectável nesta etapa (Stafford & Hillyer, 2012), devido às características que lhe são inerentes. Verifica-se também uma relação inversa entre o número de problemas na família relacionados com as TIC e os Rituais Familiares, ou seja, quando o investimento que os sujeitos têm dos seus Rituais familiares aumenta, o número de problemas com as TIC diminui. Esta relação acaba por confirmar a relação anterior, pois assim que as famílias têm os seus rituais bem definidos, as TIC deixam de se constituir como ameaças aos Rituais Familiares, e, portanto, deixam de ser problemáticas. Consequentemente, quando as Comemorações Anuais e a Hora do Jantar são também percebidas como frequentes e importantes na família, o número de problemas relacionados com as TIC diminui.

A última etapa do ciclo vital não obteve qualquer resultado significativo, nem nos estudos de correlação, nem nos estudos de regressão. Esta fase em particular é caracterizada pelo entrecruzamento de gerações: por vezes os avós têm que ficar a cargo da geração do meio, enquanto os filhos jovens adultos saem de casa para estudar (e depois regressam), ou saem para constituir família. Todas estas gerações contemplam as suas próprias tarefas de desenvolvimento e cada geração tem percepções diferentes acerca da realidade, ou seja, a mesma percepção não é partilhada por todos (Relvas, 1996). Face a esta característica, os Rituais Familiares que se

realizavam em etapas anteriores podem já não fazer sentido neste momento da vida das famílias, e o mesmo acontece com a utilização das TIC: talvez fosse aceitável que determinadas tecnologias fossem mais facilmente aceites em algumas etapas do ciclo vital, e não noutras.

Para além das próprias características das etapas do Ciclo Vital Familiar, as diferenças entre os resultados em cada etapa devem-se também à idade das crianças ou jovens, que ditam a maioria dos rituais específicos de cada família (Fiese, 2007) e das TIC utilizadas.

Os resultados obtidos na análise de variâncias não evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre as etapas do Ciclo Vital Familiar, no que diz respeito aos Rituais Familiares, não se corroborando então, nesta dissertação, que a tecnologia possa ser uma das principais forças responsáveis por moldar o significado do “tempo familiar” (Mesch, 2006b).

VI. Conclusões

Esta dissertação pretendeu demonstrar o impacto que a influência das TIC tem na perceção individual do investimento das famílias nos Rituais Familiares, tendo como fator moderador as etapas do Ciclo Vital Familiar.

Generalizando os resultados obtidos, foi possível averiguar que o impacto da utilização das TIC na família não prevê concretamente alterações nos Rituais Familiares.

Destaca-se o Casal sem Filhos, que concilia um grande investimento nos seus rituais e uma perceção positiva das TIC, a Família com Filhos Pequenos e na Escola, com uma perceção positiva sobre a utilização de TIC quando estas coexistem com uma grande perceção de investimento nos rituais, e a Família com Filhos Adolescentes, que tal como literatura descreve, é uma etapa que transporta os conflitos pais-filhos para a utilização das TIC e para os Rituais Familiares. Assim, deve ser considerado um resultado condizente com as características deste tipo de famílias, que têm um maior número de desafios e tarefas correspondentes às várias gerações que podem integrar uma família.

Como qualquer estudo, também este não está isento de limitações. Primeiramente a amostra foi recolhida *online*, o que facilita o alcance a um maior número de sujeito, mas o investigador não está presente para se

assegurar que o protocolo é preenchido na sua totalidade. Por isso, e apesar do número total da amostra ser robusto, o tamanho de algumas subamostras em determinadas análises estatísticas é reduzido em virtude de alguns questionários (e.g., FRQ) não terem sido completamente respondidos, o que condiciona a fiabilidade dos resultados.

Considerando que os Rituais Familiares foram escolhidos como parte deste estudo e estão inseridos no eixo diacrónico, uma forma de complementar os resultados obtidos, poderá passar por inserir outras variáveis que correspondam a elementos do eixo sincrónico – estrutura da família, relações entre os membros, alianças, limites e modos de comunicação privilegiados (Relvas, 1996). Com uma maior diversidade de variáveis, talvez os modelos de regressão utilizados possam prever de forma significativa os resultados obtidos nos Rituais Familiares.

Cada vez mais as crianças começam a utilizar a tecnologia precocemente e de forma muito eficaz, comparativamente com as gerações anteriores. Para investigações futuras, seria pertinente realizar um estudo longitudinal, sobre a forma como o impacto das TIC e a perceção do investimento nos Rituais Familiares varia ao longo dos anos, compreendendo assim, as diferenças de perceção entre as várias gerações numa família.

A escassez de estudos que compreendam as diversas relações entre as TIC e os Rituais Familiares é uma lacuna da investigação que deve ser atendida, e também é de grande relevância para a prática clínica porque através destes é possível compreender de que forma é que a vida familiar pode afetar a adaptação e o ajustamento da família e dos indivíduos, bem como o próprio funcionamento familiar (Fiese et al., 2002). Assim, torna-se imperativo que os técnicos possam adquirir conhecimentos nesta área, de forma a melhor acompanhar as mudanças nas famílias. A investigação, neste sentido, pode auxiliar os psicólogos e técnicos a conhecer estas alterações na vida familiar e a orientar as suas intervenções de forma a corresponder de melhor forma às necessidades das famílias, principalmente se as problemáticas que os levam a pedir ajuda também têm vindo a mudar ao longo do tempo.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares: Uma visão sistémica*.
Coimbra: Quarteto.
- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th Ed.). Washington, DC: Author.
- Bacigalupe, G., & Buffardi, L. E. (2014). Technology in families and the clinical encounter : results of a cross-national survey.
<http://doi.org/10.1111/1467-6427.12042>
- Bacigalupe, G., Lambe, S., & Cand, P. H. D. (2011). Virtualizing Intimacy : Information Communication Technologies and Transnational Families in Therapy, *50(1)*, 12–27.
- Blinn-Pike, L. (2009). Technology and the family: An overview from the 1980's to the present. *Marriage & Family Review*, *45*, 567–575.
- Buchbinder, M., Longhofer, J., & McCue, K. (2009). Family routines and rituals when a parent has cancer. *Families, Systems, & Health*, *27(3)*, 213.
- Campbell, K., & Ponzetti, J. J., Jr. (2007). The moderating effects of rituals on commitment in premarital involvements. *Sexual and Relationship Therapy*, *22*, 415–428.
- Carter, E. A., & McGoldrick, M. (1999). The evolving family life cycle: Individual, family, and social perspectives.
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. (2015). Family functioning and information and communication technologies : How do they relate ? A literature review *Computers in Human Behavior*. *Computers in Human Behaviour*, *45(4)*, 99–108.

- Carvalho, J., Francisco, R., Bacigalupe G., e Relvas A.P. (2017, March).
Emerging technologies & families: Adaptation of SEFT/ETEF© to the
Portuguese population. Paper presented at the XXV World Family
Therapy Congress, Málaga, Spain.
- Chesley, N. (2005). Blurring Boundaries? Linking Technology Use,
Spillover, Individual Distress, and Family Satisfaction. *Journal of
Marriage and Family*, 67(5), 1237–48.
- Chesley, N., & Fox, B. (2012). E-mail's Use and Perceived Effect on Family
Relationship Quality: Variations by Gender and Race/Ethnicity.
Sociological Focus, 45(1), 63–84.
- Chilman, C. S. (1968). Families in development at mid-stage of the family
life cycle. *Family Coordinator*, 297-312.
- Costa, R. P. (2013). Family rituals: Mapping the postmodern family through
time, space and emotion. *Journal of Comparative Family Studies*,
44(3), 269–290. <http://doi.org/10.2307/23644602>
- Coyne, S. M., Busby, D., Bushman, B. J., Gentile, D. A., Ridge, R., &
Stockdale, L. (2012). Gaming in the Game of Love: Effects of Video
Games on Conflict in Couples. *Family Relations*, 61(3), 388–396.
- Coyne, S. M., Padilla-Walker, L. M., & Howard, E. (2013). Emerging in a
Digital World: A Decade Review of Media Use, Effects, and
Gratifications in Emerging Adulthood. *Emerging Adulthood*, 1(2),
125–137
- Coyne, S.M., Padilla-Walker, L. M., Stockdale, L., & Day, R. D. (2011).
Game on: Co-playing video games during adolescence. *Journal of
Adolescent Health*, 49, 160 – 165.

- Crespo, C. (2011). “À mesa com a família”: Rituais familiares ao longo do ciclo de vida.
- Crespo, C. (2012). Families as Contexts for Attachment: Reflections on Theory, Research, and the Role of Family Rituals. *Journal of Family Theory & Review*, 4, 290–298. doi:10.1111/j.1756-2589.2012.00136.x
- Crespo, C., Davide, I. N., Costa, M. E., & Fletcher, G. J. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15(2), 191-203.
- DeCaro, J. A., & Worthman, C. M. (2011). Changing family routines at kindergarten entry predict biomarkers of parental stress. *International Journal of Behavioral Development*, 35(5), 441-448.
- Derrick, F. W., & Lehfeld, A. K. (1980). The family life cycle: An alternative approach. *Journal of Consumer Research*, 7(2), 214-217.
- Duvall, E. M. (1988). Family development’s first forty years. *Family Relations*, 37, 127–134. doi:10.2307/584309
- Ferretti, L. K., & Bub, K. L. (2014). The influence of family routines on the resilience of low-income preschoolers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35(3), 168-180.
- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Fiese, B. H. (2007). Routines and rituals: Opportunities for participation in family health. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 27(1), 41-49.
- Fiese, B. H., & Kline, C. A. (1993). Development of the Family Ritual Questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of family psychology*, 6(3), 290.

- Fiese, B. H., Foley, K. P., & Spagnola, M. (2006). Routine and ritual elements in family mealtimes: Contexts for child well-being and family identity. *New directions for child and adolescent development, 2006*(111), 67-89.
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: cause for celebration? *Journal of Family Psychology, 16*(4), 381–390.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria*. Porto: Afrontamento.
- Goodman-Deane, J., Mieczakowski, A., Johnson, D., Goldhaber, T., & Clarkson, P. J. (2016). The impact of communication technologies on life and relationship satisfaction. *Computers in Human Behavior, 57*, 219-229.
- Haugland, B. (2005), Recurrent disruptions of rituals and routines in families with paternal alcohol abuse. *Family Relations, 54*: 225–241.
doi:10.1111/j.0197-6664.2005.00018.x
- Huisman, S., Edwards, A., & Catapano, S. (2012). The impact of technology on families. *International Journal of Education and Psychology in the Community, 2* (1), 44–32.
- Imber-Black, E. (1999). Creating meaningful rituals for new life cycle transitions. *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives, 202-214*.
- Johnson, G. M. (2010). Internet use and child development: Validation of the Ecological Subsystem. *Educational Technology & Society, 13*(1), 176-185

- Kennedy, T. L. M., & Wellman, B. (2007). The Networked Household. *Information, Communication & Society*, 10(5), 645–670.
- Kerawalla, L., & Crook, C. (2002). Children's computer use at home and at school: Context and continuity. *British Educational Research Journal*, 28, 751-771.
- Lanigan, J. (2009). A Sociotechnological Model for Family Research and Intervention : How Information and Communication Technologies Affect Family Life. *Marriage & Family Review*, 45, 587–609.
- Livingstone, S., & Bovill, M. (1999). *Young people, new media: Report of the research project: Children, young people and the changing media environment*. London: London School of Economics and Political Science.
- Malaquias, S., Crespo, C., & Francisco, R. (2014). How do Adolescents Benefit from Family Rituals? Links to Social Connectedness, Depression and Anxiety. *Journal of Child and Family Studies*, 24(10), 3009–3017. <http://doi.org/10.1007/s10826-014-0104-4>
- Mesch, G. S. (2006b). Family characteristics and intergenerational conflicts over the Internet. *Information, Communication & Society*, 9(4), 473-495.
- Mesch, G. S. (2006a). Family relations and the Internet: Exploring a family boundaries approach. *The Journal of Family Communication*, 6(2), 119-138.
- Migliorini, L., Rania, N., Tassara, T., & Cardinali, P. (2016). Family routine behaviors and meaningful rituals: A comparison between Italian and migrant couples. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 44(1), 9-18.

- Muñoz-Miralles, R., Ortega-González, R., López-Morón, M. R., Batalla-Martínez, C., Manresa, J. M., Montellà-Jordana, N., ... & Torán-Monserrat, P. (2016). The problematic use of Information and Communication Technologies (ICT) in adolescents by the cross sectional JOITIC study. *BMC pediatrics*, *16*(1), 140.
- Nie, N. H., & Hillygus, D. S. (2002). Internet Use , Interpersonal Relations , and Sociability : A Time Diary Study. *It & Society*, *1*(1), 1–20.
- Padilla-Walker, L. M., Coyne, S. M., & Fraser, A. M. (2012). Getting a High-Speed Family Connection: Associations Between Family Media Use and Family Connection. *Family Relations*, *61*(3), 426–440.
- Pierce, J. (2009). "Family Time Decreasing with Internet Use." in Press Release, Annenberg Center for a Digital Future. Retrieved November 2016
- Pires, A. (2008). Estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Ramsey, M. A., Gentzler, A. L., Morey, J. N., Oberhauser, A. M., & Westerman, D. (2013). College students' use of communication technology with parents: Comparisons between two cohorts in 2009 and 2011. *Cyberpsychology Behavior, and Social Networking*, *16*, 747–52. doi:10.1089/cyber.2012.0534
- Regateiro, J. R. F. (2015). *Rituais familiares: um fator de proteção para a adaptação do pais de crianças e adolescentes com paralisia cerebral?*(Doctoral dissertation).

- Reis, S. F. (2016). *A relação entre TIC e funcionamento familiar: diferenças entre duas etapas do ciclo de vida familiar* (Doctoral dissertation).
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família, Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Roos, V., Van Rensburg, E. (2008). A review article on types of family rituals and their symbolic meanings for young adults. *Tydskrift vir Geesteswetenskappe*, 48(4), 477-492
- Rowland, D. T. (1991). Family diversity and the life cycle. *Journal of comparative family studies*, 1-14.
- Rudi, J., Dworkin, J., Walker, S., & Doty, J. (2014). Parents' use of information and communications technologies for family communication: differences by age of children. *Information, Communication & Society*, 4462(August 2014), 1–16.
- Santos, S., Crespo, C., Silva, N., & Canavarro, M. C. (2012). Quality of Life and Adjustment in Youths with Asthma: The Contributions of Family Rituals and the Family Environment. *Family Process*, 51(4), 557–569.
- Siegel, C., & Dorner, T. E. (2017). Information technologies for active and assisted living—Influences to the quality of life of an ageing society. *International Journal of Medical Informatics*, 100, 32-45.
- Silverstone, R., & Hirsch, E. (1992). *Consuming technologies : media and information in domestic spaces*. London: Routledge.
- Silverstone, Roger and Haddon, Leslie (1996) *Design and the domestication of information and communication technologies: technical change and everyday life*. In: Mansell, Robin and Silverstone, Roger, (eds.) *Communication by Design: The Politics of Information and*

- Communication Technologies. Oxford University Press, Oxford, UK, pp. 44-74. ISBN 9780198289418
- Smit, R. (2011). Maintaining family memories through symbolic action: Young Adults' perceptions of family rituals in their families of origin. *Journal of Comparative Family Studies*, 355-367.
- Spagnola, M., & Fiese, B. H. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants & young children*, 20(4), 284-299.
- Stafford, L., & Hillyer, J. D. (2012). Information and communication technologies in personal relationships. *Review of Communication*, 12(4), 290-312.
- Stern, M. J., & Messer, C. (2009). How family members stay in touch: A quantitative investigation of core family networks. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 654-676.
- Subrahmanyam, K., & Greenfiel, P. (2008). Online Communication and Adolescent Relationship. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 18(1), 119-146.
- Wajcman, J., Bittman, M., & Brown, J. E. (2008). Families without borders: mobile phone connectedness and work-home divisions. *Sociology*, 42(4), 635-652.
- Wartella, E., Richert, R. A., & Robb, M. B. (2010). Babies , television and videos : How did we get here ?, 30, 116-127.
- Watt, D., and White, J. M. (1999). "Computers and Family Life: A Family Development Perspective." *Journal of Comparative Family Studies* 30:1-15.

- Whitty, M. T. (2003). Pushing the Wrong Buttons : Men 's and Women's Attitudes toward Online and Offline Infidelity. *Cyber Psychology & Behavior*, 6(6), 569–579.
- Wilding, R. (2006). “ Virtual ” intimacies ? Families communicating across transnational contexts, 2, 125–142.
- Williams, A. L., & Merten, M. J. (2011). iFamily: Internet and social media technology in the family context. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 40(2), 150-170.
- Wolin, S. J., Bennett, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23: 401–420. doi:10.1111/j.1545-5300.1984.00401.x
- Yoon, Y. (2012). *The role of family routines and rituals in the psychological well being of emerging adults* (Dissertação de Doutorado). Retirado de <http://scholarworks.umass.edu/theses/965>
- Yoon, Y., Newkirk, K., & Perry-Jenkins, M. (2015). Parenting Stress, Dinnertime Rituals, and Child Well-being in Working-Class Families. *Family Relations*, 64(1), 93–107.